

Quero, antes de mais nada, manifestar o prazer de estar em visita ao Panamá e de participar desta cerimônia. De encontrar-me neste salão cuja dignidade faz justiça à grandeza dos ideais que aqui são lembrados.

Faz justiça ao nome de Simón Bolívar, que pelo valor de sua luta e de suas idéias conquistou o respeito de todos os povos deste continente, e o reconhecimento em todo o mundo.

O Congresso Anfictiônico de 1826 foi um exemplo da amplitude de visão de Bolívar e de outros líderes que construíam, naquele momento, a recém-conquistada independência das jovens nações americanas.

E conquistada a duras penas, com grande esforço. Nós, brasileiros, se não estivemos isentos de lutas e conflitos na luta pela independência, tivemos inegavelmente um processo menos violento, mais negociado. Na América hispânica, teve peso muito maior a dimensão militar do processo de independência. As lutas foram mais renhidas, com muitos episódios que configuraram uma verdadeira guerra de independência.

Ao mesmo tempo, a América de colonização espanhola estava marcada por uma pluralidade de centros de poder, o que tornava mais complexo o processo de conformação das novas unidades políticas que se criavam com a independência.

Essas lembranças são relevantes para entender-se a importância política da iniciativa de convocação do Congresso de 1826, que foi um evento inovador em muitos aspectos. Um evento que antecipou muitas das idéias que, passado mais de um século, encontrariam expressão efetiva na Carta das Nações Unidas, na Carta da OEA e na codificação do moderno direito internacional.

Idéias como a de manutenção da paz, de segurança coletiva, de solução pacífica de controvérsias, de garantia da independência política e da integridade territorial dos Estados.

São princípios hoje dados como essenciais ao direito internacional e ao bom funcionamento do sistema internacional. Na terceira década do século XIX, eram propostas arrojadas, que revelavam uma extraordinária visão histórica da parte de quem as propunha.

Enquanto a Europa, devastada pelas guerras napoleônicas, reorganizava-se com base em uma espécie de diretório das grandes potências, no continente americano Bolívar, Santander, Pedro Gual e outros propunham princípios de igualdade e de respeito mútuo no relacionamento entre as nações. Já aí se via o pioneirismo latino-americano nos temas do direito internacional.

O Brasil foi convidado a participar do Congresso. E aceitou o convite. Só não participou porque nosso delegado sofreu contratempos na viagem.

Mas a idéia de união dos povos americanos para estabelecer princípios de convivência e para promover interesses comuns deixou sementes. Já naquele momento, alguém chegou a pensar em oferecer a cidade de Belém do Pará como futura sede de outros encontros dessa natureza. Mais tarde, a idéia ganhou novos contornos, mais efetivos, com as conferências interamericanas, a criação da OEA e – quase um século e meio depois do Congresso do Panamá – com a Operação Panamericana, lançada pelo Presidente Juscelino Kubitschek em 1958.

Pouco antes em 1956, Juscelino visitou o Panamá, nas comemorações dos 130 anos do Congresso Anfictiônico.

Naquela ocasião, Juscelino expressou algumas das idéias que, mais tarde, seriam centrais em sua iniciativa panamericana. E quero lembrar aqui as suas palavras: “A unidade do continente, que constitui a substância mesma da idéia panamericana de Bolívar, está hoje associada e intimamente relacionada com o esforço para a eliminação da pobreza”.

Isso continua a ser verdade. E continua a encontrar expressão nos diversos esforços de integração e construção da solidariedade entre os povos de nossa região. Como é o caso do Mercosul, da Comunidade Andina, do Mercado Comum Centro-Americano, do Caricom, e das negociações com vistas a uma Área de Livre Comércio das Américas.

Essa mesma inspiração esteve presente, também, na primeira Reunião de Presidentes da América do Sul, que realizamos no Brasil há dois meses e meio.

Ali, demos passos importantes para fortalecer a união dos países sul-americanos no tratamento dos temas de nossa agenda comum. Assumimos um compromisso de solidariedade democrática, destinado a excluir a possibilidade de retrocessos autoritários em qualquer país da região. Identificamos caminhos para avançar no desenvolvimento da infra-estrutura de integração e para enfrentar desafios comuns, como a luta contra o narcotráfico ou a inovação científica e tecnológica.

Creio que é importante lembrar esses fatos. Eles nos dão a perspectiva histórica da diversidade de iniciativas diplomáticas que se desdobram em diferentes formatos, em geometria variável, mas que têm todas em comum uma inspiração que é a mesma do Congresso do Panamá, o sonho bolivariano da unidade dos povos deste Continente.

Por tudo isso, é uma satisfação muito especial poder participar deste momento, que é simbólico dessa inspiração, desse espírito da integração latino-americana e hemisférica.

Sei que as Atas do Congresso Anfictiônico estarão aqui em boas mãos, e constituirão, para quantos visitem este belo edifício, um dos melhores documentos da história da amizade entre nossos povos.

Muito obrigado.

